

“Os vários governos empurram a resolução dos problemas para a escola mas a escola não consegue resolver os problemas da sociedade”

Professor há 42 anos, Teófilo Braga diz que se fosse para escolher hoje a profissão, não o fazia. Diz que o estatuto da carreira docente tem vindo a degradar-se e que os professores estão desmotivados. O mesmo acontece com os alunos e afirma que “a intervenção nas famílias é o mais difícil”.

(conclusão pág. 21)

Também está muito ligado à protecção do ambiente e dos animais. Como é que isso entra na sua vida?

O facto de viver muito ligado à terra foi um dos factores principais, o outro foi a leitura. Eu como era (e sou) um pouco reservado lia muito e ouvia muita rádio. Foi através da leitura que cheguei à questão da protecção da natureza, mas também tiveram influência algumas das pessoas que conheci, como Gerald Le Grand, um francês que esteve cá no início da Universidade dos Açores e que era ornitólogo.

Conheci-o a ele e ao seu companheiro, o engenheiro Duarte Furtado de Vila Franca do Campo, e os dois criaram em São Miguel a primeira associação de protecção do ambiente, o Núcleo Português de Estudos e de Protecção da Vida Selvagem, que chegou a ter sede em Vila Franca do Campo e foi com eles que me interessei pela questão numa primeira fase.

Numa segunda fase fui para a Terceira, passei a participar em passeios organizados por pessoas ligadas ao Clube os Montanheiros e, ao fim de três anos, quando regresssei a São Miguel, juntamente com mais algumas pessoas, começámos a organizar cá passeios pedestre e logo a seguir criámos a Associação Amigos da Terra, um núcleo da Associação Portuguesa de Ecologistas.

Já se passaram alguns anos. Os Açores evoluíram ou não em termos de protecção do ambiente?

Não posso dizer que não evoluíram, mas também os problemas aumentaram. Hoje em dia, a consciência para a protecção da natureza e do ambiente é maior. Há problemas que não têm tido solução. Há pequenas coisas em que os governos vão evoluindo mas as questões de fundo mantêm-se.

Por exemplo, o tratamento de resíduos. Antes não existiam tantos plásticos ou outros materiais mais modernos que são muito mais difíceis de degradar. Durante a minha infância a grande máquina recicladora era o porco e as galinhas que a minha avó tinha no quintal.

Hoje em dia essa máquina recicladora ou não existe ou é muito reduzida e a produção de resíduos é cada vez maior. Há produtos que são duplamente embalados. Desde 1972, desde Marcelo Caetano, que já se fala na construção de uma incineradora em São Miguel e continua sem se revolver o problema.

E a incineradora será a posição ideal?



“O turismo gera muitas receitas e essas receitas têm que ser bem utilizadas.”

Eu mantenho sempre a mesma posição desde o início. Não.

Como se poderia tentar minimizar este problema dos resíduos sem a incineração?

Primeiro seria educando correctamente, que é algo que não se faz. Educar correctamente é, em primeiro lugar, apelar à redução e não apenas para o cidadão comum mas tomando também medidas políticas, porque pedir ao cidadão para reciclar, para reduzir e para reutilizar é muito pouco.

Tem que haver medidas vindas de cima, de carácter geral e isso não é feito. Apela-se muito à reciclagem mas não se recicla. Uma família poderá colaborar na separação, mas nos Açores não se faz reciclagem.

Se se tomassem medidas efectivas para a redução da produção de resíduos, em segundo lugar para a reutilização e em último lugar para a reciclagem, de certeza que não haveria materiais nenhuns ou muito poucos para queimar.

E em relação ao desenvolvimento do turismo, tem também contribuído para o aumento de resíduos ou não?

Com certeza que ao haver mais pessoas há também mais resíduos, mas o turismo tem que ser bem tratado, digamos assim. O turismo gera muitas receitas e essas receitas têm que ser bem utilizadas.

Podem servir para minimizar a produção

“Eu como era (e sou) um pouco reservado, lia muito e ouvia muita rádio. Foi através da leitura que cheguei à questão da protecção da natureza, mas também tive influência algumas das pessoas que conheci, como Gerald Le Grand, um francês que esteve cá no início da Universidade dos Açores e que era ornitólogo”

de resíduos e o consumo de água ou de energia, e penso que não há ainda excesso de turismo, tem é que haver cuidado na gestão das pessoas que vêm.

Nós sentimos que às vezes há excesso no miradouro da Vista do Rei, mas se houvesse uma gestão das visitas, enquanto uns fossem para a Vista do Rei, outros para a Lagoa do Fogo e outros para as Furnas, não se concentravam todos ao mesmo tempo e no mesmo sítio.

Acha que se apostou no turismo sem primeiro se pensar nas consequências que esse turismo poderia trazer?

Penso que sim e é a regra geral. Primeiro fazem-se as coisas e depois vai-se tentando colmatar as falhas. Regra geral as coisas são pensadas apenas em alguns aspectos, como o aspecto económico mas deixa-se uma parte do tripé do desenvolvimento sustentável de fora. Ou seja, pensa-se na economia, mas deixa-se a parte social e ambiental de fora.

Tem sido bastante interventivo na questão da construção para o turismo. É preciso ter cuidado também no tipo de construções que se fazem no arquipélago?

Com certeza, e penso que desta vez o Governo fez bem em não autorizar o hotel de grandes dimensões previsto para Água d'Alto.

Qual o perfil das unidades hoteleiras que a Região deve ter para manter todo o verde e preservar um crescimento sustentável?

Em termos gerais serão unidades mais pequenas e perfeitamente adaptadas ao território em termos de dimensão e enquadramento paisagístico.

O que é que costuma fazer durante os seus tempos livres?

Sou agricultor aos fins-de-semana. Tenho alguma terra em Vila Franca do Campo e quase todos os fins-de-semana estou nessa terra, juntamente com um colaborador. Dedico-me muito à leitura, gosto muito de ler biografias e gosto também de fazer investigação histórica.

Em resultado desta investigação histórica costumo publicar alguns textos no Correio dos Açores e noutras publicações a nível nacional. Este ano deverá ser publicado na revista 'A ideia', de Lisboa, um artigo meu sobre o filósofo Agostinho da Silva e as festas do Espírito Santo nos Açores.

Gosta de relembrar às pessoas estas personalidades?

Sim, sobretudo porque as pessoas mais jovens quando começam a fazer uma coisa esquecem-se que, para trás, já houve muitas pessoas que se debruçaram sobre os mesmos assuntos e é muito bom conhecermos o que foi pensado no passado para termos um ponto de partida.

A investigação que faço é muito superficial, mas estou sempre à espera que alguém agarre os temas e os aprofunde.

Carla Dias/Joana Medeiros